



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

LUCINEIDE OLIVEIRA SILVA

**JOGOS COOPERATIVOS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA:
por uma proposta mais reflexiva e transformadora**

**JACOBINA
2010**

LUCINEIDE OLIVEIRA SILVA

**JOGOS COOPERATIVOS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA:
por uma proposta mais reflexiva e transformadora.**

**Trabalho de conclusão de curso para
obtenção do título de Licenciatura
em Educação Física da Universidade
do Estado da Bahia.**

**Orientadora: Professora Especialista
Ilma Maria Fernandes Soares.**

**JACOBINA
2010**

LUCINEIDE OLIVEIRA SILVA

JOGOS COOPERATIVOS NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: por uma proposta mais reflexiva e transformadora

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para a obtenção do Grau de Licenciado no Curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, com Linha de Pesquisa em Jogos Cooperativos.

Jacobina, ____ de _____ de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Professora Ilma Maria Fernandes Soares – Especialista em Educação pela faculdade de Educação da UFBA. – Orientadora

Professor Ângelo Mauricio Amorim – Especialista em Educação Física escolar pela Fundação Visconde de Cairu.

Professor Salomão Cleomenes Lima Costa – Especialista em Educação Física escolar pela PUC – Minas Gerais

Dedico o sucesso alcançado a Daniela, uma doce menina,
Por tudo que significou e ainda significa em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Universidade do Estado da Bahia – Campus IV, que através do seu corpo docente contribuiu de forma significativa na construção do meu conhecimento acadêmico.

As Instituições em que trabalho por estimular as minhas buscas.

A professora orientadora Ilma Maria Fernandes Soares pela dedicação e estímulo na realização desse trabalho.

Aos meus familiares, colegas e amigos. Muito obrigada.

Enfim, A Deus por me permitir viver esse momento.

“Um por todos e todos por um”
(Alexandre Dumas)

RESUMO

O estudo da Educação Física escolar respaldado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96, tem assumido a responsabilidade de desvelar ações que proporcione a análise crítica dos conteúdos para o Ensino Fundamental II. A elaboração de propostas para a valorização do conhecimento dessa disciplina de forma crítica e reflexiva, se deu através do método de pesquisa bibliográfica. Esse trabalho propõe amenizar os efeitos negativos causados sobre o homem, pela competitividade exagerada e pelo descaso dos valores na educação, ao mesmo tempo em que estimula as relações de integração. Inicialmente, faremos uma explanação sobre a história das sociedades pautada no trabalho industrial e estimulada a seguir os ditames do capitalismo e que nos levou a reservar uma pequena parte desse estudo às patologias sociais, mencionadas como doenças próprias do homem moderno em consequência à sua alta capacidade em competir. Realizamos um estudo que levasse em consideração o ser social, na figura do aluno do Ensino Fundamental II, para compreendermos os seus anseios e sinalizando para as necessidades de buscar novas formas de aprendizagem na área da Educação Física. Apresentamos este trabalho dividido em quatro capítulos: Um breve histórico da Educação Física; Patologias sociais e competição na sociedade moderna; Jogo, Jogos Cooperativos e competição; Aluno do Ensino Fundamental II. Dessa forma, a pesquisa aponta que os Jogos Cooperativos podem contribuir para a construção de uma Educação Física mais cidadã, conquistando os educados para uma vivência mais saudável, solidária e participativa.

Palavras-chaves: Jogos Cooperativos. Ensino Fundamental II. Educação Física escolar.

SUMÁRIO:

1	INTRODUÇÃO	08
2	UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA	11
3	PATOLOGIAS SOCIAIS E COMPETIÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA.....	19
4	JOGO, JOGOS COOPERATIVOS E COMPETIÇÃO	23
5	ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL II	35
5.1	ENSINO FUNDAMENTAL II E JOGOS COOPERATIVOS	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Responsável pela análise das capacidades físicas do homem, meio de socialização, fomentadora das práticas esportivas e dos jogos, a Educação Física cumpre funções diversas dentro da educação em busca da afirmação do seu papel como disciplina obrigatória no currículo escolar, conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 que rege a educação.

Tratada com pouca relevância dentro da escola, se comparada a outras disciplinas, a Educação Física se traduz no marco de lutas desde a sua função social até a valorização do seu conteúdo dentro da escola. Há muito a Educação Física vem sendo questionada, a princípio, pela sua função dentro da sociedade, pela sua tímida presença nas discussões pedagógicas, bem como pelo seu conteúdo teórico estanque e da prática voltada, principalmente, para o esporte de competição.

A seleção de conteúdos organizados pela equipe escolar deve contemplar a sua importância social e contribuição intelectual para o aluno, a partir da gama de assuntos possíveis de serem abordados em cada área do conhecimento, conforme consta no documento oficial que rege a Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 75), que tem como função principal nortear as ações curriculares dos Estados e dos Municípios, estimulando o diálogo pedagógico que auxilie na elaboração de projetos e na reflexão do trabalho do professor. Mesmo com essa proposta, percebemos que temas críticos/reflexivos como: a importância das práticas corporais; a mídia e sua influência sobre as práticas corporais; bem como, a importância do Jogo e do lúdico na vida do homem, não são abordados como deveriam nas aulas de Educação Física. O esporte busca preencher essa lacuna e proporcionar às crianças e adolescentes muitas vezes, conhecer a competição sem legitimar a sua prática ou fazê-la democrática.

Porém, foi justamente no momento em que o esporte se colocou como conteúdo exclusivo das aulas de Educação Física, representada a partir da negação de um conteúdo contextualizado na escola, do preconceito com todos aqueles que não se adapta às características pré-estabelecidas pelo esporte de competição, é que nos vem à oportunidade de discuti-lo verdadeiramente e propor a inserção dos Jogos Cooperativos na Educação Física escolar. Discutir sobre os Jogos

Cooperativos foi uma vontade que surgiu das várias competições escolares que participamos enquanto professora leiga e mesmo durante a trajetória acadêmica. Pudemos perceber que a competição sempre se encerrava nela mesma e os participantes não tinham comportamento amistoso. Nesse complexo mundo competitivo não havia lugar para a cooperação, afetividade ou tolerância, naquele momento tudo que importa é ganhar. Era preciso analisar uma forma de inserir um jogo que não exigisse apenas a vitória de quem joga, mas que valorizasse todo o processo de envolvimento do jogo como: sentimentos, ações motoras, ética, respeito e cooperação. A partir de estudos sobre os Jogos Cooperativos, descobrimos ser esse o jogo que poderá resgatar o caráter lúdico da Educação Física escolar, bem como a satisfação em participar dessas aulas. Entendemos que a competição não deve incomodar apenas os professores, mas principalmente a estes, pois é da inquietação que vão surgir propostas inovadoras que estimulará uma nova prática pedagógica.

O tema do nosso estudo é “Jogos Cooperativos no ensino da Educação Física: uma proposta reflexiva e desafiadora” que pretende analisar contribuições e possibilidades na utilização dos Jogos Cooperativos, como importante ferramenta pedagógica que legitime a sua presença enquanto conteúdo das aulas de Educação Física. Outros objetivos pertinentes a este estudo tratam do combate à violência causada pela competitividade exagerada e pelo descaso dos valores na educação, ao mesmo tempo em que pretende promover as relações de interação entre grupos. Esses jogos não pretendem substituir a competição na escola, mas ser uma opção metodológica que amenize a disputa acirrada que o esporte alimenta e que, muitas vezes, desencadeia atitudes negativas entre os participantes.

O método utilizado foi pesquisa bibliográfica. Este tipo de pesquisa abrange todas as formas de produção do conhecimento já publicado, seja através de livros, revistas, artigos, documentos, entre outros, objetivando o contato de quem pesquisa com o que já foi dito sobre o assunto por ele abordado. Todo trabalho teve como base a abordagem qualitativa, que segundo Alves-Mazzotti e Geuvandsznajder (1998) serve como guia para que o pesquisador possa chegar ao seu destino.

Para tanto, esse trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo que no primeiro abordaremos, “*Um breve histórico da Educação Física*”, quando traçaremos um panorama da Educação Física escolar e como o esporte competitivo se apoderou dessa área, ditando regras e distanciando conteúdos reflexivos das aulas,

colocando, assim, em risco a discussão de valores como: respeito, tolerância e cooperação. Nesse capítulo, discutiremos ainda a importância dos Jogos Cooperativos influenciando no processo de construção identitária da Educação Física, haja vista a mesma ter sido construída a partir de outros referenciais, tais como: Higienista, Militarista, Pedagogicista e Competitivista.

No segundo momento trataremos das *“Patologias sociais e competição na sociedade moderna”*, quando daremos ênfase às doenças da modernidade como: stress, síndrome do pânico, depressão, doenças coronarianas, reflexo de uma vida agitada e competitiva. A escola, por sua vez, reforça ações que estimula a competição e colabora para o desencadeamento dessas patologias, quando dita regras que padronizam comportamentos e não valoriza a individualidade.

O terceiro capítulo discute *“Jogo, Jogos Cooperativos e competição”*. Na oportunidade analisaremos o jogo e o lúdico como elementos fundamentais para o desenvolvimento humano e como o jogo vem desaparecendo das aulas de Educação Física, dando lugar ao esporte competitivo. O objetivo é proporcionar uma reflexão sobre o papel do professor e sua responsabilidade diante da Educação Física que temos hoje. Trataremos do tema central que são os Jogos Cooperativos com o objetivo de resgatar valores éticos e morais colaborando para uma educação plural, ou seja, uma educação que abrange todo o universo escolar de forma inclusiva e com conteúdos possíveis de serem relacionados com a realidade do aluno.

Por fim, o quarto e último capítulo que, traz a temática *“O aluno do Ensino Fundamental II”*, no qual teremos o compromisso de refletir sobre a proposta dos Jogos Cooperativos para essa etapa de ensino, quando abordaremos as fases por que passa o adolescente do Ensino Fundamental II e a importância dos Jogos Cooperativos como agente desencadeador da integração, da inclusão, do convívio social saudável e da autonomia.

A partir dessas considerações, constatamos que estudos sobre os Jogos Cooperativos têm despertado os interesses de profissionais, que não se renderam ao conformismo e a subserviência imposta pelo esporte, que adentra a escola com suas regras pré-estabelecidas e muitas vezes excludentes, enquanto o esporte produzido na própria escola pode proporcionar criar e recriar regras com a liberdade necessária para promover a inclusão, a cooperação e o respeito mútuo e que está em perfeita sintonia com a proposta dos Jogos Cooperativos.

2. UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Quando nos propomos a falar sobre a história da Educação Física, objetivamos não só situar o leitor na linha de tempo dos acontecimentos históricos, mas contribuir para o entendimento do contexto sóciopolítico atual, no que se refere à presença dos Jogos Cooperativos na prática da Educação Física escolar. Tentamos esclarecer o que impulsionou o seu surgimento, recorrendo ao início da sua história.

Antes de iniciarmos a trajetória histórica da Educação Física, consideramos necessário explicar o que é essa área do conhecimento. Podemos afirmar que a Educação Física é uma teoria da prática pedagógica que trata do conhecimento de uma área denominada de cultura corporal a qual o homem procurou ao longo do tempo, direcionar para o lado estético, lúdico, artístico que, se reflete na representação de idéias e sentidos pessoais.

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 50) a Educação Física surge das necessidades sociais concretas, a partir da identificação de diferentes momentos históricos e que irão dar origem às diversas compreensões do que conhecemos dela. Relatos históricos revelam que a tentativa de sobrevivência sempre foi inata ao ser humano. Com o homem primitivo isso se deu de forma marcante, pois com a necessidade de caçar, pescar, lutar, fugir, puxar, empurrar, esse homem revelou movimentos corporais que mais tarde viria respaldar a Educação Física, assim podemos dizer que o homem primitivo foi o precursor da atividade física.

No campo da Educação Física, os exercícios físicos eram prescritos, muitas vezes, como remédios milagrosos para os trabalhadores, no intuito de fortalecer o corpo na obtenção de força e energia para gerar mais riquezas para a sociedade capitalista, assim essa área era utilizada pela classe dominante para exploração de mão-de-obra, sem dar devida importância à situação social da população.

A idéia de formar uma sociedade que produzisse riquezas foi fundamental na construção de um homem com vigor físico, agilidade e poder, para empreender sua força em prol de sua sobrevivência e do desenvolvimento de uma sociedade materialista. Obedecendo estas regras, as riquezas conquistadas por este homem através da sua força de trabalho, denunciam uma divisão social injusta, o que gerou a ascensão de poucos e a miséria de muitos.

É importante ressaltar, que o interesse na produção de riquezas gira não apenas em torno do homem, mas dá os primeiros sinais de que a disputa nasce como um elo para interligar as suas conquistas à sociedade que o explora. Entretanto, é com essa visão competitiva que algumas pessoas continuam seguindo o seu caminho, sem se preocupar em desenvolver ações que lhe assegurem uma forma saudável de viver.

Em registros de Coletivo de Autores 1992, a classe social hegemônica era quem direcionava os caminhos da Educação Física, passando a ser divulgadas e utilizadas nos educandários através das correntes Higienista, Militarista, Pedagogicista e Competitivista, sobre as quais faremos breve análise. A primeira foi a Educação Física Higienista, que vem com a transição do Império para a primeira República entre 1889 e 1930 e tem suas bases na medicina, motivada pela falta de profissional de Educação Física e que se utilizava dos exercícios físicos na manutenção da saúde, através de atividades como: recreação, ginástica e desportos.

O segundo método intitulado de Militarista e baseado nos princípios da Educação Física francesa, se confunde com a Educação Física Militar por suas raízes nos exercícios militares rigorosos e disciplinadores, do qual herdamos a Educação Física voltada para o adestramento do corpo e na busca pelo seu lugar no espaço social. O método Pedagogicista implantou a Educação Física como atividade educativa. Criado no período pós-guerra (1945-1964), veio inserir as aulas de Educação Física à grade curricular da escola. Segundo Coletivo de Autores (1992, p.52), foi com Guths Muths (1712-1838), Basedow (1723-1790), J.J. Rousseau (1712-1778) e Pestalozzi (1746-1827), que se deu o interesse em incluir os exercícios físicos nos currículos escolares no século XVIII.

Essa fase é marcada pela presença do educador físico, quando todos os eventos educativos tinham a presença marcante do professor de Educação Física. O conteúdo das aulas era variado e estimulava as habilidades, a saúde física e mental, o controle emocional e o caráter dos alunos, como instrumentos na preparação para o esporte. Esta forma de trabalhar a Educação Física nas escolas tem o intuito de produzir atletas que representasse o país e conquistasse títulos. A corrente Competitivista foi criada nos anos 20, mas com seu auge dos anos 60 na Ditadura Militar com o esporte de rendimento. Nessa fase mais uma vez a Educação Física é relegada o segundo plano, dando lugar a outras áreas como Fisiologia, Anatomia,

Cinesiologia e Biomecânica, fortalecendo o conhecimento dos educadores físicos voltados para as competições.

Uma das teorias que objetivam movimentos chamados “renovadores”, segundo o Coletivo de Autores (1992), surgiu na década de 70 e 80, a partir de estudos da Educação Física, registra a Psicomotricidade, que se baseava no desenvolvimento e estruturação do corpo e suas aptidões motoras, como o movimento humanista que parte da valorização do ser humano, seus interesses e limites.

Na busca pela perfeição e eficiência esportiva, a Educação Física se utiliza da pedagogia tecnicista para alcançar o mais elevado grau de desempenho, através de técnicas e métodos esportivos. Esse período marca o processo de exclusão daqueles que não se adequavam às características exigidas para as atividades competitivas. Diante disso, outro aspecto valorizado é a vitória a qualquer custo, o que oportuniza os primeiros questionamentos a essa concepção, indicando a necessidade de introduzir uma atividade que fosse mais humana e aproximasse as pessoas em vez de afastá-las, contemplando a todos.

A competição marca sua presença na escola, através das aulas de Educação Física de várias maneiras, mas é bastante relevante o papel das atividades esportivas, haja vista ser, entre as demais atividades que compõem o repertório dessa área, a que mais se encontra presente no espaço escolar. Diante disso, com a disseminação do esporte de rendimento dentro da escola, como parte do conteúdo do ensino da Educação Física, algumas mudanças ocorreram, a exemplo das características técnicas do professor, que passa a ser treinador e o aluno que se torna atleta.

No Brasil, o Movimento da Escola Nova foi o responsável pela chegada dos jogos no meio educacional e tem seu ponto alto na década de 30. Para Ghiraldelli (1992 p. 25)

O Movimento da Escola Nova enfatizou os “métodos ativos” de ensino-aprendizagem, deu importância substancial à liberdade da criança e ao interesse do educando, adotou métodos de trabalho em grupo e incentivou a prática de trabalhos manuais nas escolas; além disso, valorizou os estudos de psicologia experimental e, finalmente, procurou colocar a criança (e não mais o professor) no centro do processo educacional.

Esse movimento trouxe um entusiasmo pela idéias pedagógicas voltadas para um conjunto de elementos que não só o ouvir, mas a participação efetiva da criança no processo educacional em que estava inserido. Os eventos que aconteceram em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, na década de 30 , que disseminaram o escolanovismo, é um bom exemplo da inserção do jogo educativo nas instituições infantis, (KISHIMOTO, 1993, p. 104). Esse mesmo movimento entrou na Educação Física e incentivou o jogo enquanto recreação, visando colaborar com o desenvolvimento físico e higiênico da criança. Para Kishimoto (1993, p.106) “Nenhum professor, que pelo menos tenha ouvido falar em escola nova, desconhece o valor dos jogos no ensino de toda e qualquer disciplina”.

Conta à história que, os Jogos Cooperativos, nasceram há milhares de anos, quando as comunidades que viviam em tribos, se reuniam para celebrar a vida. Estas celebrações se davam através da dança, do jogo e outros rituais. Os Jogos Cooperativos registra os seus primeiros estudos com Ted Lentz nos Estados Unidos na década de 50, mas foi através do canadense Terry Orlick (1989), doutor em psicologia e docente da Universidade de Ottawa, com seu trabalho baseado na sociologia aplicada à educação, que inseriu os Jogos Cooperativos na Educação. Autores como Reinaldo Soler, Fábio Brotto, Terry Orlick, Ted Lentz, Mônica Teixeira entre outros discorrem sobre este assunto com propriedade.

Ted Lentz foi o primeiro estudioso do tema “*cooperação*” que se expandiu por vários países. Algumas décadas mais tarde, precisamente em 1970, enquanto fervilhava o caldeirão da Ditadura Militar no Brasil, um canadense chamado Terry Orlick, (1978), doutor em psicologia, pesquisador e docente da Universidade de Otawa no Canadá, baseado nos estudos de Lentz, escrevia pela primeira vez sobre cooperação em contraponto a competição.

Em 1978, Terry Orlick foi responsável pela introdução dos Jogos Cooperativos não só na Educação Física, mas em outras áreas e na década de 80, quando a Educação Física dá os primeiros sinais de crise, por não compreender o seu real papel para a sociedade, talvez não de forma intencional, mas oportuna, Fábio Otuzi Brotto dá os primeiros passos para a inclusão Jogos Cooperativos no Brasil, muito embora naquele momento, não consiga interferir na história da Educação Física com a força transformadora que merecia.

O homem da Antiguidade colaborava entre si na conquista de elementos que favorecessem a sobrevivência do seu grupo, ao invés de promover a separação, unia forças numa espécie de trabalho cooperativo. Na era moderna o homem competia no intuito de acumular riquezas, promovendo o individualismo, desenvolvendo um senso de autonomia social. A competição na modernidade contribuiu para uma sociedade presa a valores como: repressão, egoísmo e desrespeito ao outro, e que na maioria das vezes não comunga com valores como: cooperação, tolerância e respeito, valores tão necessários à sociedade atual, que se encontra submersa em violência, dificultando ainda mais as relações entre os homens.

Para compreender um pouco mais sobre cada um dos valores citados acima, será utilizado uma publicação da *Universidade Espiritual Mundial Brahma Kumaris* (1999 p.5) em homenagem ao Quinquagésimo Aniversário das Nações Unidas. A cooperação é vista da seguinte forma:

A cooperação não é um jogo de barganha no qual o sucesso de uma pessoa é obtido à custa ou à exclusão do sucesso de outros. A meta constante da cooperação é o benefício mútuo em interações humanas; ela é governada pelo princípio do respeito mútuo. Coragem, consideração, apreço e compartilhamento suprem uma fundação a partir da qual a cooperação como um processo pode ser desenvolvida.

O sentimento de cooperação faz com que o homem siga acreditando ser possível fazer o bem e que tal forma de viver lhe trará paz espiritual. Ainda na descrição de valores: “A tolerância desenvolve a habilidade de acomodar os problemas da vida cotidiana” (Ibdem, p.47). O respeito é um dos valores essenciais para enfrentar a vida e suas dificuldades, que é descrito na seguinte redação:

Conhecer o seu próprio valor e honrar o valor dos outros é o verdadeiro meio para obter respeito. Respeito é um reconhecimento do valor inerente e dos direitos inatos do indivíduo e da coletividade. Estes devem ser reconhecidos como o foco central para extrair das pessoas um comprometimento com um propósito superior da vida (p.32).

Assim, reforçamos a importância desses valores em nossa vida e por que precisarmos nos utilizar deles não só nas aulas de Educação Física, mas em todos os momentos em que precisarmos estar em contato com o outro.

Acreditar que a competição é inerente ao homem, fragiliza o sonho de construir uma sociedade voltada para a cooperação e nos possibilita refletirmos na seguinte linha de pensamento: Será mesmo o homem um ser competitivo por natureza? Soler (1998) relembra as palavras da antropóloga Margaret Mead (1961), quando dizia que a competição bem como a cooperação é definida de acordo a situação social do indivíduo, pois para ela não nascemos nem competindo nem cooperando, aprendemos a agir das duas formas. Assim, temos a concepção unilateral do homem como competitivo resultante de uma sociedade que valoriza somente esse aspecto, o que dificulta pensar outra forma de viver em sociedade.

Comungamos com Mead (1961) do mesmo pensamento. É a forma de interagir com o mundo globalizado que nos estimula a competir mais que cooperar. O discurso de sobrevivência dentro da sociedade implica para adolescentes, jovens e adultos, na obrigação de competir para a realização de seus projetos. Uma tarefa que nos foi destinada, enquanto professores é educar a nova geração para que não seja aceita de forma passiva as injustiças sociais. Muito embora saibamos que as questões políticas e sociais encontram forte respaldo no contexto competitivo ou cooperativo, precisamos estimular nos jovens e adolescentes exercitar a criticidade para atividades que se pautem tão somente na competição.

Terry Orlick (1989) *apud* SOLER (2006, p. 116) não esconde a realidade da atual situação: “Em nossa cultura somos sitiados pela competição. Recompensamos os vencedores e rejeitamos os perdedores”.

Não restam dúvidas quanto ao papel transformador dos Jogos Cooperativos. A mesma sociedade que compete também tem capacidade de cooperar e isso pode acontecer naturalmente, através de ações no dia-a-dia que contemplem variadas formas de ver e viver o jogo. Embora saibamos que as políticas públicas se alimentam da competição, acreditamos que na cooperação encontrarão razões para promoverem a inclusão, amenizando a imagem de um sistema manipulador.

Ghiraldelli *apud* Libâneo (1988), faz uma crítica dizendo que:

A política de Educação Física brasileira e do esporte continua altamente elitista, minada por interesses eleitoreiros, clientelísticos. O esporte subordina-se a interesses econômicos. O poder público não tem uma política efetiva de democratização ao acesso ao lazer e as práticas desportivas não-formais. Na organização escolar, a Educação Física tem ocupado um lugar secundário, frequentemente isolado das demais disciplinas; há insuficiência de espaço físico, de material de ginástica e esportes. Infelizmente, há também muitos professores improvisados e irresponsáveis, que não conseguem ver o alcance e a importância do seu trabalho. (p.13)

Para o autor a culpa do que vemos com relação à Educação Física, além da falta de políticas públicas, ainda conta com o descaso do profissional que atua nessa área. Uma sociedade menos voltada para o interesse do capital, mais humana e solidária é o desejo de todo cidadão e tudo nasce das políticas públicas, que deveriam desenvolver ações que proporcionassem condições de vida digna como: lazer, diversão, esporte e tudo isso de forma plural, para que todas as pessoas se sintam verdadeiramente valorizadas.

Diante da necessidade que se impõe a Educação Física, no sentido de construir sua própria identidade, especialmente voltada para o contexto educativo direcionado para a melhoria social, consideramos que a proposta dos Jogos Cooperativos pode ser perfeitamente viável como opção para que promova o aprimoramento das relações humanas.

Soler (2008 p.95) afirma que:

Os Jogos Cooperativos foram justamente criados para diminuir a competição exagerada e a valorização do individualismo, pois o individualismo é algo que mais cresce na sociedade moderna, mais especialmente na cultura ocidental.

Desta forma, acreditamos ser necessária uma mudança no perfil da Educação Física escolar. Percebemos que ainda existe desvalorização do seu conteúdo e a prática do esporte competitivo ainda se mostra bem presente dentro das escolas, sendo necessária uma ação interventora que valorize através da alegria e diversão em aprender, a partir da ótica cooperativa. Diante do exposto, desejamos lembrar que a proposta dos Jogos Cooperativos é válida para todas as séries e faixas de idade e não tem a pretensão de julgar o esporte competitivo, apenas oferece

oportunidade de utilizar o jogo nos moldes da cooperação, se transformando em instrumento positivo para as aulas de Educação Física.

Enfim, a discussão compreendeu a trajetória política, social e histórica da Educação Física e uma breve análise dos primeiros estudos sobre os Jogos Cooperativos em alternativa aos jogos competitivos. Na perspectiva de esclarecer a necessidade de inserir esses jogos na escola, bem como no cotidiano do homem moderno, faremos uma análise no próximo capítulo sobre a competição como um dos elementos desencadeadores de patologias sociais tornando o homem moderno mais vulnerável às contradições do seu tempo.

3. PATOLOGIAS SOCIAIS E COMPETIÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

O capitalismo competitivo tem origem no final do século XIX e início do século XX, época da Revolução Industrial. Suas principais características são: a afirmação científica, que se fundamenta na racionalidade e no experimento e o individualismo, que juntos, determinam a forma de vida do homem no que se refere à política, a economia e as relações pessoais. Os efeitos da globalização sobre o homem, provocados pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, desencadearam problemas patológicos de origem biológica e social que merecem atenção, no sentido de alertar sobre os perigos que rondam o homem moderno.

A era globalizada possibilitou visualizar alguns problemas de saúde enfrentados pela sociedade contemporânea tais como: stress, doenças coronarianas, depressão, síndrome do pânico, entre outros, revelando o homem e sua forma de viver. Assim, a busca por estabilidade econômica, social e emocional faz com que o homem se descubra portador de doenças sociais que se confunde com doenças comuns.

Patologias são doenças produzidas pelo organismo, entretanto nesse estudo, vamos nos deter as patologias sociais citadas acima. O homem, desde o seu surgimento procura formas de sobrevivência e isso ao longo do tempo adquiriu ritmo cada vez mais acelerado, exigindo do corpo em sua totalidade esforços muitas vezes além do normal, já não bastasse todo o desgaste para manter-se dentro dos padrões sociais.

Como patologias sociais, podemos citar os Transtornos Mentais Comuns (TMC), a exemplo do stress e da síndrome do pânico, que geralmente decorrem de condições de vida, ou como comumente chamamos, de estilo de vida. Isso atesta que estes transtornos não são determinados por fatores fisiológicos, logo imaginamos que não devem ser tratados simplesmente por meio de medicações, mas através de uma mudança nos hábitos do dia-a-dia.

No mundo contemporâneo é cada vez mais urgente a necessidade de abordar sobre competição, não só como elemento do esporte, mas como uma das formas de permanência do homem no mundo globalizado. Almeida e Vitagliano (2009) revelam que:

A incorporação dos hábitos do ambiente de trabalho em todos os momentos de vida das pessoas, resumidamente, a racionalização das ações sociais, no sentido mais amplo, integra-se em diferentes mecanismos de ação que perpassam o universo simbólico no qual o agente vive, onde o corpo é o primeiro filtro da percepção seja através dos sentidos ou compreendidos como experiências (p.5).

Assim o corpo passa a ser o primeiro receptor das reações advindas de situações de stress, originadas das dificuldades encontradas nas relações centradas na competição diária. O stress em dosagem moderada faz bem para o ser humano, principalmente quando estamos prestes a enfrentar um desafio ou somos forçados a realizar um trabalho que não queremos e do qual precisamos de resultado positivo. Ao vencer os desafios nos sentimos aliviados, no entanto, muito stress afeta a nossa saúde e bem-estar, refletindo nossa vida social.

Competir tem se mostrado cada vez mais inevitável, pois estamos todo tempo disputando espaços, no entanto, queremos alertar para as conseqüências que a competição traz para a vida do ser humano. Nervosismo, desequilíbrio emocional, stress e cansaço mental são apenas alguns resultados desses momentos inquietantes produzidos pela competição ou pelo momento pré-competitivo.

As patologias sociais também invadem a escola através dos comportamentos dos adolescentes e jovens que estão em situação de disputa pela aceitação de diferentes grupos, afirmação emocional e social. Esses alunos também são vítimas do descaso biológico e social com que são tratados dentro das escolas e geralmente se tornam introspectivos, acumulando sentimentos confusos sendo, também, portadores das doenças sociais.

Assim, Medina (1992) afirma que:

É nesse processo de luta desigual entre as diferentes camadas sociais de nossa sociedade de consumo, privilegiando a extratificação econômica, que a estrutura de poder se estabelece, determinando e fazendo prevalecer grande parte do autoritarismo, da repressão, da corrupção e das injustiças existentes entre nós (p. 31).

A escola, que também é influenciada sobre as questões acima citadas, através das exigências próprias da sua área, nos possibilita questionar sobre que cidadão está sendo formado para enfrentar o mundo capitalista que ai está. Sávio Assis (2005) apud Betti (1991) interroga: “Por que é necessário dar aos jovens o gosto pela competição?”.

Com isso, percebemos que nesses tempos de crise, por estarem tão envolvidos na compra e venda de mercadorias e se colocarem também como objeto, o homem moderno acaba entrando em um processo de colapso social, por não conseguir atingir o nível desejado ou não poder competir de igual para igual com seus pares.

Sobre isso Távola (1985) comenta que:

Pessoas e países. Estes, aprisionados dentro do mito do herói (e não são poucos) entram na mesma paranóia e se transformam em enormes máquinas de capital e de estado destinadas a manter o poder, a força e a hegemonia de qualquer grupo, classe, burocracia ou casta dominante. Crianças, adultos que vivem em disputa e necessitados de só vencer (em vez de “vemSer”) e países cuja meta não é o progresso do homem, mas a riqueza para o poder. Crianças, adultos e países ai estão a nos mostrar como é poderosa no bicho homem a necessidade de ganhar, viver em disputa e levar a melhor (p. 2-3).

Portanto o cidadão que queremos ver sendo formado na escola é todo aquele que quiser produzir uma sociedade saudável para o convívio em social. Dessa forma, compreendemos que o ponto de partida e de chegada é a sociedade, não sendo possível conceber a idéia de que o homem se torne paciente terminal nessa relação, motivado pela competição.

Estamos vivendo a era do global e tudo que podemos realizar deveria ser comum a todos. O homem tem andado tão ocupado em concretizar seus sonhos materiais, que alguns não percebem a necessidade de melhorar a qualidade de vida. As patologias sociais apesar de, muitas vezes, serem tratadas como doenças biológicas e a tentativa de cura se processar através de medicações, não há contra indicação na aplicação da terapia cooperativa que promova a elevação da auto-estima e proporcione bem estar físico e mental. Essas posturas se refletirão na sensibilidade pelas escolhas de tudo que implique na condição da saúde humana.

Enfim, a história pautada pela disputa e que assume um lugar na escola, não deveria caber nos dias atuais, uma vez que temos outros moldes de jogos que vão contribuir de forma significativa para a vida dos nossos alunos, a exemplo dos Jogos Cooperativos. Sabemos que a escola por si só não consegue solucionar todos os problemas, entendemos, porém, que um ambiente acolhedor e que atenda às diferenças sociais, pode auxiliar na melhoria das patologias sociais que acomete os adolescentes e jovens dentro do ambiente escolar. Assim, faz-se necessário a utilização de atividades como jogos, esportes e recreações que tenha caráter educativo, inclusivo e cooperativo, elevando a auto-estima na promoção da saúde.

4. JOGO, JOGOS COOPERATIVOS E COMPETIÇÃO.

Vimos no capítulo anterior, que a competição em sua forma mais severa, tem provocado ao longo do tempo danos irreparáveis à saúde humana, por outro lado isso nos ajuda a difundir a concepção de jogo cooperativo, que vem apontar caminhos. Para isso torna-se necessário explicitar outros termos correlatos como, por exemplo, a concepção de jogo e jogos cooperativos que iniciaremos com a discussão sobre o jogo, que é de origem latina e segundo Huizinga (2005 *apud* BACELAR, 2009, p. 24) “o jogo é fato mais antigo que a cultura”. Seu significado nos remete a divertimento, distração e perpassa caminhos para além do jogo motor. O jogo exige reflexão sobre o que se joga e é nas brincadeiras sérias que as crianças começam a demonstrar interesses pelo mundo dos adultos, portanto o jogo educa e possibilita aprender brincando.

O jogo acompanha a evolução da humanidade e segundo Soler (2008, p. 27) “o jogo é um dos conteúdos mais utilizados pela Educação Física Escolar, mas com o decorrer dos anos o seu uso vem diminuindo até, praticamente se extinguir.” Fica claro a importância do jogo para o desenvolvimento do ser humano desde a sua infância e por toda vida. É um conjunto de relações física, psíquica e social. A Educação Física se apropria do jogo na modalidade de recreação e ludicidade e juntos os jogos recreativos ganham força estimulando comportamentos e atitudes ao longo da história.

Sobre o jogo Freire (2005) diz:

O jogo localiza-se, portanto, no território do ser, apontando na direção das propriedades subjetivas do sujeito. De tal maneira que é possível que a indicação tão precisa que nos fornece nossa percepção, a respeito de ser uma atividade tal ou tal um jogo, provenha dessa nítida polarização da atividade lúdica no território subjetivo do ser. Falo, porém, de tendência, nunca de exclusão, pois que, para Sartre, o jogo também é apropriação e dirige-se, portanto, para o ter, ou, usando suas palavras, o “em si” (63).

Soler (2006, p. 55) explica a importância do jogo para a formação do ser humano e a partir das orientações de Friedman (1996) dá alguns enfoques como: a

influência do contexto social (sociológico); contribuição do jogo para a aprendizagem e desenvolvimento da criança (educacional); percepção das emoções e personalidade dos jogadores (psicológico); o jogo como parte da história das culturas (antropológico); como os jogos são transmitidos através dos tempos (folclórico); os valores humanos que estão presentes ou ausentes no jogo (filosóficos).

Kishimoto (2006) diz:

Na vida de criança, para além do entretenimento, o jogo ganha espaço através da focalização de suas propriedades formativas, consideradas sob perspectivas educacionais progressistas, que valorizam a participação ativa do educando no seu processo de formação (p. 166).

O jogo além de trazer uma enorme contribuição em várias áreas do conhecimento tem objetivos essenciais para a formação humana e mais uma vez Soler (2006) nos auxilia pontuando algumas ações positivas como:

Serve para explorar: o mundo que rodeia quem joga como também explorar as suas próprias normas, regras e atitudes; reforçar a convivência: o alto grau de liberdade que o jogo permite faz com que as relações fiquem mais saudáveis e dependendo da orientação que o jogo apresenta, pode modificar e aprimorar o relacionamento interpessoal. Daí a importância de se tentar criar jogos para o encontro e não mais para o confronto; equilibra o corpo e a alma: devido ao seu caráter natural atua como um circuito auto-regulável de tensões e relaxamentos; produzir normas, valores e atitudes: tudo o que acontece no mundo real, pode ser utilizado dentro do jogo por intermédio da fantasia. Entendo que o jogo pode nos formar em direções variadas; cabe a cada um de nós fazer a escolha; fantasiar: transforma o sinistro em fantástico, sempre dentro de um clima de prazer e divertimento; induz às novas experimentações: permite aprender por meio de erros e acertos, pois sempre se pode recomeçar um jogo novo; torna a pessoa mais livre: dentro de um jogo existem infinitas escolhas, permitindo à pessoa que joga estruturar-se e desestruturar-se frente às dificuldades. (p. 54)

O papel do jogo e sua influência histórica sobre o homem, não deixa dúvida quanto a sua importância para a humanidade. Entre as várias formas de ver o jogo, trataremos, inicialmente, do jogo competitivo e o jogo cooperativo. Competir é procurar ganhar o que outra pessoa está se esforçando para obter, ao mesmo tempo. Cooperar é o ato de trabalhar em conjunto com um único objetivo, se, e

somente se, as outras pessoas com as quais ela estiver ligada conseguir atingir seus objetivos. A partir de agora iremos conhecer um pouco os Jogos Cooperativos e sua importância para a sociedade moderna.

A Educação Física vem de um contexto histórico influenciada pelo esporte de rendimento e a competição como parte integrante e indissociável desse contexto. É secular o hábito de competir e na escola isso se torna visível nas brincadeiras e jogos entre os alunos, é na escola que também aprendemos que precisamos ter as melhores notas e os melhores comportamentos, para enfim alcançarmos os melhores lugares na sociedade.

Sobre essa questão Soler (2008) afirma que:

Nosso sistema educacional reforça a competição. Não ensinamos as crianças a amarem o aprendizado, mas a tirarem notas altas; como na Educação Física, não ensinamos as crianças a amarem os esportes, nós a ensinamos a vencer jogos (p. 65).

A facilidade de aceitação do esporte na escola provoca questionamento quanto a sua funcionalidade na vida do aluno e para além dela.

Sávio Assis (2006, p. 106) argumenta: “É pertinente interrogar a “naturalidade disciplinar” com que o esporte adentra a sociedade e também a escola, bem como as justificativas sumárias de que ele é uma representação do processo civilizatório e de dominação cultural”.

Portanto, considerando a “natural” influência que o esporte exerce sobre os jovens, o valor dado à competição e a dificuldade do professor em trabalhar as aulas de Educação Física na perspectiva cooperativa e lúdica, nos damos conta que até hoje nos utilizamos da competição através de métodos de adestramento do homem para tentarmos manter o controle dos corpos.

Bracht (2005) relembra que Huizinga (1980) em seu livro *Homo Ludens*, já alertava para a forma como o esporte competitivo corrompia uma das características fundamentais no jogo que era a espontaneidade, pois tornava o lúdico técnico e racional.

Vamos perceber como o próprio Huizinga se expressa:

[...] O esporte ocupa a vida social moderna, um lugar que ao mesmo tempo acompanha o processo cultural e dele está separado, ao passo que nas civilizações arcaicas as grandes competições sempre fizeram parte das grandes festas, sendo indispensáveis para a saúde e a felicidade dos que nelas participavam. Esta ligação com o ritual foi completamente eliminada, o esporte se tornou profano, foi *dessacralizado* em todos os seus aspectos e deixou de possuir qualquer ligação orgânica com a estrutura da sociedade, sobretudo quando é de iniciativa governamental. [...] Seja qual for sua importância para os jogadores e os espectadores, ele é sempre estéril, pois nele o velho fator lúdico sofreu uma atrofia quase completa (p. 22-23).

A crítica feita no início do século XX, traz uma discussão atual sobre o tecnicismo do esporte, quebrando a fantasia e a liberdade do jogo e comprometendo a sua função lúdica que é fundamental às nossas vidas desde a infância. Bacelar (2009) comenta que:

Porém, a vivência lúdica, ou ludicidade, é interna ao indivíduo. É o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade lúdica. A atividade lúdica, como expressão externa, só será lúdica internamente se propiciar ao sujeito a sensação de plenitude, prazer, alegria (p. 30).

O lúdico se traduz nas emoções, portanto para Bacelar (2009) é importante saber diferenciar a atividade lúdica e vivência lúdica ou ludicidade.

A atividade lúdica é externa ao indivíduo e pode ser observada e descrita por outra pessoa em quanto é realizada. [...] Porém, a vivência lúdica, ou ludicidade, é interna ao indivíduo. É o estado interno que se processa enquanto o indivíduo realiza uma atividade lúdica. [...] A ludicidade, como experiência interna, integra as dimensões emocional, física e mental [...] (p. 29).

Feita as devidas observações, percebemos que Luckesi (2005) em um dos seus muitos escritos sobre o lúdico, relata sobre a forma interna como este se apresenta, num tomada de consciência e não apenas o brincar ou jogar, mas as sensações provocadas dentro de nós quando vivenciamos.

Brincar, jogar, agir, ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência [...].

Ainda sobre o lúdico, Ilma Soares (1992 p.57) traz alguns aspectos que contribui com a formação do homem, descritos assim:

Com base na análise de alguns estudiosos sobre o tema, acrescentando outras dimensões humanas desenvolvidas por meio de um trabalho lúdico: contribui para a conquista da autonomia da independência e da liderança; permite a expressão das emoções e conflitos, auxiliando, assim, o desenvolvimento da maturidade emocional; favorece a desinibição. Ao exercer a sua ação motivacional, estimula a exploração e a inovação e desbloqueia tensões, medos, pois não supervaloriza os erros. Ao desenvolver esses aspectos, auxilia também no estabelecimento da autoconfiança.

Os três autores conseguem transmitir uma visão do lúdico, da ludicidade e da atividade lúdica, que devem ser consideradas e aplicadas em qualquer situação que envolva a intenção de promover o bem estar do homem em seus vários aspectos.

Importa-nos observar agora algumas afirmações registradas por Mônica Teixeira (2007) e criadas a partir do esporte, que coloca no centro da discussão o jogo e a competição, que divide opiniões. A primeira afirmação, já citada em algum momento dessa escrita, diz que o homem é um ser competitivo por natureza. Acreditamos que competir não é da natureza humana, apenas estamos competitivos por exigência da sociedade.

A segunda afirmação é com relação ao que demonstramos quando competimos. Essa concepção crer que o nosso comportamento oscila frente a uma situação que requer disputa e que, muitas vezes, não mostramos o que realmente somos, pois quando nos dizemos sensíveis à cooperação e dispostos a ajudar o companheiro, ao adentrarmos o mundo da competição, nos revelamos altamente egoístas e até mesmo agressivos.

A terceira afirmação trata da necessidade de aprender a perder. Achamos que o importante é ser competente para administrar qualquer resultado,

internalizando um sentimento de compreensão e aceitação dos resultados a cada etapa do jogo e da própria vida.

A quarta afirmação se refere ao mundo empresarial. Apesar da importância do perfil competitivo, cada vez mais se valoriza a cooperação, visto que a competitividade dos funcionários por si só, não é o suficiente para o sucesso no mercado de trabalho, motivo pelo qual atualmente vem ocorrendo palestras e treinamentos que ajudam em ações voltadas para a cooperação, o respeito e a auto-estima.

A quinta afirmação prioriza que o prazer de jogar através da competição. Sabemos que muitas vezes o que diminui os efeitos positivos do jogo é justamente competir, pois isso torna as pessoas tão preocupadas com o resultado que não valoriza as etapas. Enfim, no jogo competitivo existem muitos fatores que implicam quando o resultado é a “derrota” ou a “vitória” como: o adversário, as experiências prévias ou a revanche. Os acontecimentos ficam marcados no campo das emoções, que nos proporcionam experimentar e desmistificar conceitos e nos mostrar outros caminhos.

É desafiadora a proposta dos Jogos Cooperativos, porém estamos cada vez mais conscientes de que a prática desses jogos nas aulas de Educação Física seria relevante como conteúdo, pois permitiria a reafirmação de valores na Educação Física, ao mesmo tempo em que realizaria ações voltadas para o lúdico e não somente a prática do jogo competitivo.

Para Soler (2008, p.18) dialogar sobre cooperação é falar de aceitação, ajuda mútua e qualidade de vida, criando possibilidades constantes de mudanças. O aperfeiçoamento humano, de caráter contínuo possibilita-nos tomar direções que irão nos levar por caminhos positivos ou negativos. Positivo se traduz na busca pelo desenvolvimento da idéia de coletividade na luta por uma consciência social, de um mundo melhor para se viver, aí se inserem os Jogos Cooperativos.

Por negativo, poderíamos pontuar o desejo sórdido de eliminar o oponente, o sentimento de supremacia e o individualismo, bem como o descaso social. Nos dois comparativos, questões que, resumidamente, norteiam a vida do homem moderno, mas que nem sempre é a sua real necessidade, para tanto, procuramos focar numa linha de pensamento que reforce a cooperação e sua importância para o homem.

Não raro, falamos que exercitar o senso competitivo nos prepara para a vida. Para uma sociedade capitalista competir é fundamental, pois sobreviver significa

aprender a vencer. Essa visão deturpada da competição gera problemas que se perpetuaram ao longo da história até os nossos dias e a grande preocupação é como trabalhar a proposta dos Jogos Cooperativos na Educação Física escolar em uma sociedade que adotou a competição como seu único fim.

Considerando a influência que o esporte competitivo exerce sobre os jovens e a possível falta de interesse do professor em trabalhar conteúdos desafiadores, o que se vê são repetições de métodos deficientes sem levar em consideração o grupo que está sendo trabalhado e sua realidade.

Daólio (1994) afirma que:

Entretanto cabe investigar os motivos que fazem com que os profissionais de Educação Física, na escola, mostrem-se resistentes às críticas e às novas propostas que vem sendo feitas já há uma década, mantendo uma prática, cujo referencial ainda é, principalmente, biológico. Se, por um lado, existe um discurso dos professores que, em alguns momentos, é transformador e crítico, por outro lado a lógica de sua prática ainda se mostra arraigada a determinados valores que poderiam ser considerados, precipitadamente, como superados (p. 97).

Para nós, competir não é desnecessário, apenas não desejamos potencializar a competição em detrimento da cooperação. Para isso precisamos conhecer o que de fato propõe os Jogos Cooperativos, suas características e formas de apresentar-se como possível conteúdo da Educação Física escolar.

A idéia dos Jogos Cooperativos é estimular e tornar agradável a prática dos jogos, para além dos esportes competitivos dentro das escolas e o seu objetivo é reforçar valores como: cooperação, respeito e tolerância, porém para alcançar os seus resultados é preciso trabalhar em coletividade, satisfazendo a todos os envolvidos em um ambiente lúdico de aprendizagens.

Ilma Soares (1992) trata da competição a partir dessa visão:

A valorização da competição, seja no processo de ensino-aprendizagem seja nos jogos, é contrária à compreensão de *ludicidade* aqui defendida, pois não contribui para a educação humana nos seus aspectos formativos mais essenciais, tanto no trato consigo mesmo quanto com os outros, pois nega à solidariedade, a cooperação, a partilha, a integração (p.71).

A autora reafirma os princípios dos Jogos Cooperativos quando diz que a competição vai de encontro à proposta de ludicidade, pois sabemos que de forma egoísta o jogo competitivo contribui para a diminuição da confiança mútua, exaltando a vitória e conseqüentemente reforçando atos discriminatórios.

O nosso principal objetivo é transformar as experiências da competição dentro da escola em algo que focalize o papel fundamental dos Jogos Cooperativos. Estamos conscientes de que transformar experiência em ação é o primeiro passo para o indivíduo assimilar essa nova forma de jogar, através do compartilhar e de suas próprias descobertas.

Para exemplificar melhor as atividades desenvolvidas quando nos colocamos na situação de cooperadores e competidores, Orlick, (1978) e Brotto, (1997), nos guiam no sentido de explicar cada uma das etapas analisadas. Sob a ótica dos dois autores, a situação cooperativa é divertida para todos os jogadores, pois todos se sentem ganhadores, envolvendo-se de acordo com as suas habilidades, o que estimula o compartilhar e confiar, visto que permanecem juntos e desenvolvem as suas capacidades.

Já no que se refere à competição, ambos afirmam que o jogo é divertido para alguns, pois classifica os participantes em ganhadores e perdedores além de excluir o companheiro por falta de habilidade, estimula a desconfiança e o egoísmo. Nesse ambiente o individualismo e o sentimento de depreciação, inferioridade, incapacidade é reforçado, sem falar no sentimento de desistência frente aos obstáculos da vida. Poucos são bem sucedidos.

O indivíduo que se utiliza dos Jogos Cooperativos, tem muito mais chance de se desenvolver nas ações coletivas, ao fazer parte de um grupo que valoriza e encoraja o seu progresso enquanto ser humano, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, fomentando o desejo de ser solidário para com os que lhe cercam.

Falar sobre as características dos Jogos Cooperativos parece um tanto confuso para algumas pessoas. Muitas delas não conseguem compreender como um jogo onde não existe ganhadores pode ser interessante e estimulante. De certa forma se estabelece um conceito prévio sobre os Jogos Cooperativos que precisa ser desmistificado.

A idéia de que os Jogos Cooperativos só servem para crianças não é verdade, pois já foi comprovado que esses jogos servem para qualquer idade e qualquer público, apenas precisará se ajustar para determinada faixa etária. Outro pensamento pré-concebido sobre os Jogos Cooperativos é que eles não servem para adultos, pois estes não gostam de brincar. Mônica Teixeira (2007) diz que inicialmente os adultos, principalmente os homens ficam tímidos, mas na seqüência do jogo o desejo de libertar a criança interior provoca o riso e a experiência se torna única.

Mais um equívoco sobre os Jogos Cooperativos é acreditar que é aplicável apenas em aulas de Educação Física. Claro que este é o campo mais fértil, mas todas as outras disciplinas podem se apropriar destes jogos e fazer das aulas encontros lúdicos. Apreciando os Jogos Cooperativos, Mônica Teixeira (2007) cita Orlick (1989) que desenvolveu algumas categorias de jogos, tais como: O Jogo Cooperativo sem perdedores; Jogos de resultados coletivos; Jogo de inversão e Jogos semicooperativos. No Jogo Cooperativo sem perdedor, todos os envolvidos jogam juntos para superar um desafio comum; No Jogo de resultado coletivo, são formadas duas ou mais equipes que incorporam o conceito de trabalho coletivo, por um objetivo ou resultado comum a todos sem que haja competição entre os times que necessitam de um grau elevado de cooperação entre si, assim como cooperar coletivamente com os outros times, para alcançar a meta desejada.

No Jogo de inversão, como o próprio nome já diz, há uma inversão dos times em quadra quanto à pontuação, fazendo com que a cada momento todos vivam situações diferenciadas no jogo, sem se preocupar puramente com a vitória. Por fim, os Jogos semicooperativos, quando é dada menor ênfase ao resultado do jogo e maior destaque ao envolvimento ativo e a diversão.

Vamos destacar algumas categorias de Jogos Cooperativos que cumpre sua finalidade como instrumento de integração, visão sistêmica e de aprendizagem criados por David Earl Plats (2001) e citado por Soler (2008, p. 71). Plats criou os *“jogos quebra-gelo”* e *“integração”* que são jogos curtos com altas doses de ação e gasto de energia; os *“jogos de toque”* e *“de confiança”* são jogos que irão mexer com o psicológico, pois dependerá do momento e da reação de cada um; os *“jogos de criatividade, sintonia e meditação”* irão mexer com a intuição, imaginação e criatividade dos participantes, pois irão se abrir e mostrar o que descobriu a cerca de

si mesmo; por fim, os “*jogos de fechamento*” servem para dar oportunidade às pessoas se posicionar quanto à relação em grupo e com elas mesmas.

Para Mônica Teixeira (2001), o primeiro passo é saber qual o objetivo a ser alcançado com cada jogo. Como em alguns momentos o jogo se dá pelo simples prazer de jogar, em outros ele se aplica para a obtenção de resultados na vida cotidiana. Para que seja extraído o melhor do jogo é necessário vivenciar para depois compreender, pois no momento que o jogo está acontecendo, diversas situações estão sendo simuladas e várias idéias vão surgindo simultaneamente. Além do mais, o jogo na perspectiva lúdica objetiva envolver o ser humano nas suas diversas dimensões (social, cultural, emocional, cooperativa) e não somente mental.

A partir da visão de Brotto (1997, p. 54) iremos descrever três formas de ver e viver o jogo que são: a omissão (individualismo), cooperação (encontro) e competição (confronto) que pode transformar em negativo o sentido do jogo. A visão do jogo pela omissão proporciona a insuficiência e a separação, acreditando que é impossível realizar com o outro e o desejo é de ganhar sozinho. Quando se trata do resultado na visão da omissão é a ilusão de vitória individual e a motivação é o isolamento. Os sentimentos desenvolvidos nessa etapa são solidão e opressão e o símbolo que representa a omissão é a muralha.

Pela cooperação o sentido é inclusão e o sentimento da possível realização do ganhar junto. Na cooperação o resultado é a visão do sucesso compartilhado e a motivação é o amor. Os sentimentos desenvolvidos são: alegria, comunhão, satisfação e cumplicidade para muitos, sendo simbolizado pela ponte. Assim, a visão retratada é a da transposição de obstáculos.

Na competição tudo é possível para um e a exclusão é presente quando o desejo fomentado é ganhar do outro. O resultado é a visão da vitória através dos outros e a motivação é o medo. Os sentimentos desenvolvidos na competição é a diversão para alguns, realização para poucos, insegurança, raiva e frustração para muitos. O símbolo que representa a competição é o obstáculo. Portanto, a visão aqui representada é a do individualismo ou egoísmo.

Essas características demonstram que esses jogos são infinitos, pois além de não possuírem regras fixas, os participantes jogam com e não contra o outro; joga-se para superar desafios e não para derrotar o outro; o objetivo é comum e não mutuamente exclusivos; exercita-se a consideração pelo outro e não como adversário.

Acreditamos que Inúmeras são as utilidades dos Jogos Cooperativos e que algumas reações podem ser amenizadas como: diminuição da agressividade no jogo e na vida; ajuda a solucionar problemas e conflitos; são jogos para compartilhar e unir pessoas; busca a participação de todos sem que alguém fique excluído. Segundo Soler (2008, p. 53) as ações libertadoras dos Jogos Cooperativos são voltadas para a libertação da competição, libertação da eliminação, libertação para a criação e libertação da agressão física. Brotto (1999, p. 63) cita Orlick: “Porque não usar a força transformadora dos jogos para ajudar a nos tornarmos o tipo de pessoa que realmente gostaríamos de ser”?

Está na hora de nos inquietarmos e procurarmos alternativas para o viver em comunhão e viver melhor. Sabemos que nos dias atuais a escola é o ponto de encontro de grupos e tribos que estão em troca constante de informações, mudanças do mundo moderno e sentimentos variados. A escola representa o espaço de atitudes e posturas competitivas que serão reproduzidas na vida adulta, assim percebendo ou não, a escola promove a exclusão e ensina que competir é preparar para a vida, discurso para um mundo capitalista e de relações instáveis.

Para Soler, (2008, p. 64) “a escola tem um grande poder de transformação, mas ela, por si só, não modifica nada, quem tem a missão de mudar é quem está dentro dela; atingindo o aluno, fatalmente atingirei a sociedade como um todo”.

Os Jogos Cooperativos se utilizados pelos professores terão o papel de aguçar a sensibilidade e competência através da sua versatilidade e facilidade de adaptação. As múltiplas inteligências como tocar, criar, ver, mover-se, pensar etc. são aspectos oportunizados pela prática do jogo da cooperação. Isso não se dá isoladamente e, é óbvio, que precisamos contar com a boa vontade de toda escola.

Os Jogos Cooperativos pode e deve mexer com as estruturas pedagógicas do ensino da Educação Física, porém, não esperamos encontrar caminhos abertos e de fácil acesso, precisamos adentrar esses espaços que na teoria se dizem receptíveis, mas na prática se fecham com medo de serem invadidos e transformados, especialmente por estarem sustentados pela ideologia capitalista.

Os Jogos Cooperativos estão centrados em regras, metas e valores em consonância com a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, que registram alguns valores para a paz e uma convivência ecológica entre as pessoas como: rejeitar a violência e respeitar a vida, escutar para compreender, preservar o planeta, ser generoso e redescobrir a solidariedade. Não

podemos esquecer, porém, que os Jogos Cooperativos requerem que todos estejam profundamente envolvidos para que a amplitude de visão de si, do outro e do mundo que o cerca, seja completa.

Enfim, acreditamos que os Jogos Cooperativos não será uma proposta somente para as aulas de Educação Física, mas para todas as demais disciplinas, que se preocupam em criar um ambiente saudável, tranquilo e de boa convivência para os alunos e toda comunidade escolar. Para tanto, é necessário que tenhamos uma visão maximizada dos efeitos, causas e conseqüências da competição no ambiente escolar, para depois direcionarmos um trabalho voltado para a cooperação, o que poderia vir a ser, não a redenção, mas um estímulo para as aulas do Ensino Fundamental II. No entanto, no campo da Educação Física, poderá ser desenvolvida atividades voltadas para a formação do cidadão melhor e do ser humano mais justo.

5. ALUNO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Este estudo procura analisar a proposta dos Jogos Cooperativos como conteúdo das aulas de Educação Física para o Ensino Fundamental II. Para tanto, resolvemos dedicar este capítulo ao estudo da identidade do aluno deste ciclo, para tentarmos compreender o processo de interação social pelo qual passa e que implica na forma de lidar com os conteúdos da Educação Física. Entretanto, devido à afirmação do esporte como principal conteúdo das aulas de Educação Física, alguns eventos como: jogos tradicionais, jogos cooperativos, brincadeiras ou jogos recreativos ficaram esquecidos sendo preenchida essa lacuna pelo esporte competitivo.

O que caracteriza o aluno do Ensino Fundamental II, com idades entre 11 e 14 anos, é o estado de pré-adolescência ou adolescência. Muito embora, na escola esse quadro pode ser alterado pela frequência de alunos mais velhos, em turmas que não correspondem à sua idade. Pesquisas dão conta de que os jovens da zona rural não têm as suas vivências reveladas através de estudos, diferentemente do jovem da zona urbana, que na maioria das vezes são objeto de estudos comportamentais. Talvez essa falha, demonstre que ainda somos um país que desconhece o seu povo, o que dificulta a construção de identidades e um trabalho específico para cada realidade dentro da escola.

Os Pcn's (1998 p.123) alertam para que:

Ao se pensar na relação entre a juventude e escola no Brasil, deve-se atentar, antes de tudo, para o fato de que a escolarização tem sido dificultada para amplas parcelas da população, evidenciando-se como mais uma dimensão que concorre para os processos de exclusão social [...] Não há dúvida que são os adolescentes e jovens dos setores populares os que apresentam escolaridade mais truçada.

Historicamente são diferentes as etapas vividas pelos jovens e adolescentes nessa fase. Podemos encontrar jovens em faixa etária idêntica, mas com experiências de vida variadas, portanto fica difícil precisarmos quando deixamos a pré-adolescência e adentramos a adolescência. O adolescente vive uma etapa de

transição e, muitas vezes, sofre com as mudanças próprias da idade tais como: a identidade individual e coletiva. O lugar social em que está inserido e a idéia de sociedade é fundamental para o alicerce do projeto de vida desses adolescentes, por tanto valores como: respeito, responsabilidade e cooperação exigem um autoconhecimento.

Para os PCNs (1998) as peculiaridades desse momento da vida têm sido ignoradas ou combatidas pela escola, o que traz sérias conseqüências para os jovens. Todo preparo na adolescência é voltada para a vida adulta e a escola na maioria das vezes se fecha ao diálogo perdendo a oportunidade de valorizar esta etapa natural da vida. Dessa forma, talvez consigamos compreender porque não causa em muitos jovens e adolescentes o interesse pelos jogos e brincadeiras, pois se encontram preocupados com o futuro, aguçando o interesse pela competição, que já se encontra enraizado na escola.

Nos muitos comportamentos apresentados pelos jovens podemos colocar desde a timidez e introversão, que vai do não desejar praticar atividades físicas por vergonha de aparecer em público, até os mais extrovertidos que precisam estar sempre em destaque para cada vez mais firmar o seu poder de liderança frente a algum grupo ou tendência. Nessa fase muitas idéias são exageradamente defendidas como: lazer e diversão, roupas, imagem corporal, grupos e estilos. O perigo é constantemente desafiado e o medo de se arriscar é praticamente inexistente.

Os adolescentes e os jovens estão mais vulneráveis a mudança de humor, decorrente de oscilações hormonais, da falta de estrutura familiar, em alguns casos e a indecisão profissional. A agressividade é característica dessa fase e os adolescentes são comumente chamados de “aborrecentes” por serem irreverentes e questionadores. Assim, a compreensão dessa fase da vida só poderá acontecer se nos distanciarmos de qualquer modelo de juventude e nos atentarmos às diversidades que são marcas dos tempos modernos.

Um dos documentos que respalda a conquista de direitos e deveres do adolescente é o ECA (1990) – Estatuto da Criança e do Adolescente – que reconhece juridicamente os direitos à vida, saúde, educação, à liberdade, ao convívio familiar e comunitário. O ECA trata também dos direitos ao lazer, ao esporte, à cultura, a expressar suas opiniões e participar da vida política, na forma da lei, o acesso e permanência na escola, o direito a ser respeitado pelos

professores, contestar métodos avaliativos, organização e participação em entidades estudantis, acesso a escola pública próximo à sua residência.

Considerando a escola como um ponto de encontro das diversidades física e cultural, direcionamos a nossa discussão para a compreensão do seu papel no que se refere à aplicação dos Jogos Cooperativos como conteúdo pedagógico, pois a aceitação do esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, teria que ser questionada em suas normas, sua condição de adaptação à realidade social e cultural de quem a pratica, cria e recria (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71).

Muito embora saibamos que a proposta do Coletivo de Autores, (1992) é uma forte aliada do esporte competitivo, referenciamos essa obra por tratar a competição como algo fundamental à vida do ser humano, o que é ponto de divergência. Assim, se torna difícil à escola desconsiderar a competição, tão pouco o esporte “na” escola, que já vem com regras pré-estabelecidas e às quais os alunos precisam se adaptar, muito embora, alertamos sempre para a necessidade da escola estimular o esporte “da” escola, que surja da realidade do aluno, com características próprias e possíveis de ser adaptados aos jogos cooperativos, haja vista que a escola como espaço educativo, contribui para a formação cidadã.

É nessa fase da vida que as críticas são mais propensas. A experimentação de novas sensações abre discussão sobre os comportamentos desses jovens, a tentativa de impor limites é quase sempre motivo de desentendimentos, assim, nessa fase o esporte de competição é mais atraente por estimular a demonstração de poder.

Mattos e Neira (2007, p. 81) provocam, dizendo que “um dos papéis que cumpre o esporte em nosso país é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que visa fazer com que valores nela inseridos, sejam aceitos como normais e desejáveis [...]”

Recorro a Mattos e Neira (2007 p.81) novamente, quando afirma que:

Há, no entanto, espaços para uma ação transformadora. Um deles, é incluir a Educação Física no contexto mais amplo da Educação e analisar quais suas contribuições para o processo de transformação, condição de uma sociedade mais justa e livre.

Analisando o pensamento dos autores, chegamos à conclusão que a força que conduz o esporte competitivo pode ser a mesma que conduzirá a prática dos Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física. Assim percebemos que o aluno do Ensino Fundamental II é capaz de praticar atividades esportivas, sem a obrigação de ganhar ou o receio de perder. Isso daria ao aluno autonomia para experimentar novas vivências e o aproximaria do professor, dos colegas e de toda comunidade escolar.

5.1 ENSINO FUNDAMENTAL II E JOGOS COOPERATIVOS

Discutindo as especificidades do aluno do Ensino Fundamental II, damos como esclarecido o que significa e a importância dos Jogos Cooperativos para esse ciclo. Assim, trataremos da Educação Física para o Ensino Fundamental II e o seu papel enquanto modalidade de ensino, tomando como base a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (LEI Nº. 9.394/96), quando a Educação Física passou a ser componente curricular da Educação Básica, como relata no Art. 26 inciso três com o seguinte texto:

A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos (Brasil, 1996).

Como componente curricular a Educação Física deveria ser ofertada em todos os turnos da escola. Entretanto, percebemos que a má interpretação do termo “facultativa” dificulta a execução da Educação Física no turno noturno, impedindo o aluno de realizar experiências socioculturais importantes para a sua vida. Uma análise sobre a apresentação das disciplinas dentro da escola precisa ser feita, pois não se concebe tratar do contexto educacional com disciplinas individualizadas, fragmentadas ou simplesmente ignoradas pelo corpo diretivo da escola, para tanto,

surtem os temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que traz a seguinte redação:

A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso com as relações interpessoais no âmbito da escola, pois os valores que se quer transmitir, os experimentados na vivência escolar e a coerência entre eles devem ser claros para desenvolver a capacidade dos alunos de intervir na realidade e transformá-la, tendo essa capacidade relação direta com o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade (p. 65).

Além de abranger a problemática social, os temas transversais possibilitam o estudo da realidade local, promovendo a aproximação entre as disciplinas e fornecendo dados para estudos mais aprofundados sobre o comportamento do aluno dessa etapa de ensino. Não por acaso, a Educação Física vem se mostrando aberta a temas que tem facilitado à formação social, política e ética dos seus alunos, visando romper com o conteúdo tradicional que reforça apenas as aptidões. A Educação Física escolar parte para a valorização de eixos estruturais da ação pedagógica como: o desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da participação social, da afirmação de valores e princípios democráticos.

Os PCNs incentivam o tratamento integrado dos conteúdos e a sua coerência. Os temas transversais propostos pelos parâmetros são: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, trabalho e consumo. O que chama atenção é para a não limitação do trabalho do professor, sendo esse autônomo no repasse do conhecimento. Nesse sentido os Jogos Cooperativos seriam um importante mediador dos possíveis conflitos presentes na escola, de forma a amenizar a busca por respostas concretas através de atitudes como respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade, partindo da necessidade dos jovens e adolescentes.

Alguns objetivos são propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. No que concerne à capacidade dos alunos em se posicionar de forma crítica, responsável e construtiva nas mais variadas situações sociais, sendo o diálogo o principal meio para intermediar os conflitos e tomar decisões de forma coletiva; conhecer o Brasil e suas características fundamentais nas dimensões

sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país.

A vida do aluno do Ensino Fundamental deverá ser norteadora de objetivos como: conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva; Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; utilizar diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias; interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.

Entre os pontos comuns do trabalho da comunidade escolar registrados pelos PCNs (1998) estão a interação e cooperação, descritos com a seguinte redação:

O sucesso de um projeto educativo depende do convívio em grupo produtivo e cooperativo. Dessa forma, são fundamentais as situações em que se possa aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajuda-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta etc. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade.(p.91)

Direcionada para uma pedagogia crítica, a Educação Física escolar através dos Jogos Cooperativos, propõe estimular um ambiente que favoreça o aprendizado do aluno a partir da responsabilidade assumida pelo professor quando da aceitação da contribuição do aluno, ainda que seja preciso reajustar a sua visão de mundo. O convívio escolar pretendido a partir da utilização desses jogos versa sobre as relações de boa convivência e respeito mútuo. Portanto, o trabalho dos Jogos Cooperativos na Educação Física, proporcionaria a autonomia moral que tanto se busca no convívio social escolar.

Em todo contexto educativo a interação e a cooperação são elementos essenciais para a realização de um bom trabalho. Aspectos afetivos e emocionais podem ser favorecidos a partir da elaboração de trabalhos que contemplem o

interesse dos alunos. Para tanto, nos cabe a responsabilidade de apresentar à luz do conhecimento de Darido (2007) alguns exemplos de conteúdo da Educação Física, voltados para a dimensão conceitual, que garante ao aluno o conhecimento de saber e quais conceitos estão ligados a determinado movimento realizado nas atividades, onde o aluno deverá:

Conhecer as transformações pelas quais passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em decorrência do surgimento das novas tecnologias) e relacioná-las às necessidades atuais de atividade física; [...] Conhecer as mudanças pelas quais passaram o esporte. Por exemplo, que o futebol, quando chegou ao país, era jogado apenas por elite, que o voleibol mudou as suas regras em função da televisão etc (p. 15).

A autora frisa que na prática docente é inviável dividir os conteúdos em dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, o que se pode é empreender mais ênfase em determinadas dimensões.

Darido (2007, p. 16) exemplifica o conteúdo para a dimensão procedimental, que vai além do ensinar o esporte com suas regras e técnicas, da seguinte forma: Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas e capoeira. Por exemplo, praticar a ginga e a roda da capoeira, [...] Vivenciar situações de brincadeiras e jogos.

Enfim, a dimensão atitudinal, onde os alunos deverão ter orientação quanto à execução das atividades, foi assim, descrita por Darido (2007, p. 16): “respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência; predispor-se a participar atividades em grupos, cooperando e interagindo”.

Os Jogos Cooperativos oferecem importantes ferramentas que possibilitam o trabalho nas três dimensões, pois valoriza o saber fazer, o saber sobre a cultura corporal e como deve ser realizado. Portanto, nesse sentido, a proposta dos Jogos Cooperativos para o Ensino Fundamental II, se apresenta para além da necessidade de um evento a mais nas aulas de Educação Física. A função estimuladora do caráter, dos sentimentos, da coletividade, da inclusão e da necessidade de se sentir infinito num contexto social finito, seria transcender o esporte de competição com o propósito de quebrar as regras convencionais que o cerca e descortinar a beleza do jogo da cooperação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão que temos sobre Educação Física, vai para além do simples ato de jogar. Dentro desta filosofia, buscamos agregar a esta discussão os Jogos Cooperativos, os quais se diferem de qualquer outra modalidade de jogo pelas suas ações motivadoras das relações humanas, buscando uma melhoria na qualidade de vida de todos que se utilizam desse jogo, promovendo o bem estar.

O objetivo principal desse estudo foi esclarecer sobre a necessidade de mudanças no conteúdo das aulas de Educação Física, com a percepção do desenvolvimento humano, que privilegia a vivência do indivíduo dentro de um processo coletivo.

São tantas as formas de buscar compreender o homem e o seu comportamento no cotidiano, que tentamos quebrar o paradigma de que competir seja indispensável e optamos por alertar para a existência de outros elementos mais atraentes como: a cooperação; o respeito; e a solidariedade, que pode provoca a superação de todos os limites impostos pela competição.

Investigar sobre os Jogos Cooperativos a partir da pesquisa bibliográfica foi desafiador, ora pela escassez de material que tratasse do tema voltado para o Ensino Fundamental II, ora pela evidência da valorização exagerada dada à competição.

Diante das dificuldades, no sentido de provocar discussões sobre a Educação Física e Jogos Cooperativos, foi que desejamos discutir a sua prática e conteúdos, que na maioria das vezes se encontram restritos ao conhecimento básico do que vem a ser competição, sem contribuir de forma significativa com a formação do aluno.

Os Jogos Cooperativos se fundamentam no diálogo das relações sócio humanas, quando valoriza as habilidades, o convívio e estimula o exercício da cidadania. Porém, ao incentivarmos a prática de outros jogos, que não somente o jogo competitivo cuidaremos para que não pareça que somos contra a competição e que os Jogos Cooperativos são a redenção da Educação Física escolar.

Não negamos a realidade de que, muito há para ser feito na Educação Física escolar e que necessitamos de mais estudos sobre o assunto. Então, priorizamos o levantamento de possibilidades de uma Educação Física cidadã que estimule as diferentes habilidades, no esforço de fazer fortalecer o senso de coletividade na

afirmação de que, cada um possui seus próprios talentos, podendo perfeitamente encaixar-se na proposta da Educação Física voltada para os Jogos Cooperativos.

Nesse contexto, acreditamos nesta proposta como elemento motivador e reflexivo do pensamento de professores e alunos, na perspectiva de fazê-los descobrir-se enquanto agentes transformadores da realidade que os cercam, através da participação de todos os envolvidos.

Pensamos que seja necessário agregar novos valores às aulas de Educação Física e aqui, estimulamos a experimentação dos Jogos Cooperativos incorporando-os ao conteúdo da Educação Física no Ensino Fundamental II, sensibilizando o aluno para o trabalho em parceria, onde o respeito e a cooperação sejam elementos fundamentais.

Encerramos este trabalho acreditando que é possível realizar a prática de uma outra Educação Física como instrumento de conscientização humana, que permita evidenciar a sua gênese coletiva, na medida em que influencia o homem ao longo de sua existência.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; VITAGLIANO, Luis Fernando. **Patologias sociais e a qualidade de vida na sociedade moderna**. Revista Brasileira de Qualidade de Vida, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 1-7, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca>. Acesso: 11/01/2010.
- BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3ª. Ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. – 136 p. – (Coleção educação física)
- BRASIL, (1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>. Acesso em 15 jul.2009
- BRASIL, (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Promulgada em 20/12/1996. Editora do Brasil S/A.
- BRASIL, (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/Secretaria de Educação. Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.174 p.
- BRASIL, (1999). **Vivendo Valores: um manual**. 3ª edição. Trad. Sandra Costa. Universidade Espiritual Mundial Brahma Kumaris. São Paulo/SP: organização Brahma Kumaris, 1999.
- BROTTTO, Fábio Otuzzi. **Jogos Cooperativos: se o importante é competir o fundamental é cooperar!** Ed. Re-Novada. Santos, SP. Projeto Cooperação. 1997.
- _____. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção magistério. 2 grau. Série formação do professor)
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas. SP. Papyrus. 1994. – (coleção corpo e motricidade)
- DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. **Para ensinar educação física: Possibilidades de intervenção na escola**. Campinas. SP. Papyrus, 2007.
- FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. 2. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção educação física e esportes)

- GHIRALDELLI, P. **Educação Física Progressista. A pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira.** 9ª ed. vol.10. Edições Loyola. São Paulo. Brasil, 1998.
- KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis. RJ. Vozes, 1993.
_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna.** Publicação 21/11/2005. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>. Acesso em: 19/02/2010.
- MATOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola/Mauro Gomes de Mattos e Marcos Garcia Neira.** – 4.ed. – São Paulo: Phorte, 2007.
- MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo...e “mente”** /20. ed. - Campinas: Papirus, 2005.
- OLIVEIRA. Assis Sávio. **Reinventando o esporte: Possibilidades da prática pedagógica.** 2. ed. – Campinas, SP. Autores Associados. Chancela editorial CBCE, 2005. – (Coleção educação física e esporte)
- SOARES, Ilma Maria Fernandes; PORTO, Bernadete de Souza. **Se der a gente brinca: crenças das professoras sobre ludicidade e atividades lúdicas.** Revista da FAEEBA: Educação e contemporaneidade/Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v.1, n.1(jan./jun., 1992) – Salvador: UNEB, 1992 –
- SOLER, Reinaldo. **Educação Física: uma abordagem cooperativa.** Reinaldo Soler, - Rio de Janeiro: Sprint, 2006.
_____. **Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos.** Rio de Janeiro: 2ª edição: Sprint, 2008.
- TÁVOLA, Artur da. **Isso de ganhar.** Disponível em <http://www.jogoscooperativos.com.br>. Acesso 06/02/2010
- TEIXEIRA, Mônica. Extraído da seção “**Entendendo os Jogos**” da edição 1 do ano I da Revista Jogos Cooperativos. Disponível em: <http://www.jogosCooperativos.com.br/Revista.htm>. Acesso: 20/12/2009.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEUVANDSZNADJER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais de pesquisa quantitativa e qualitativa.** 2ª.ed.São Paulo Pioneira, 1988.

